

AS VÍTIMAS

Frustração foi não ter sido policial

João Pereira da Silva Neto faria 28 anos no próximo dia 26 de fevereiro. Tinha 2º grau completo e trabalhava na seção de Almoxarifado no Serviço Social do Comércio (Sesc), no Setor de Indústrias e Abastecimento (SIA). Nasceu em Imperatriz, Maranhão, mas chegou ao Distrito Federal com menos de dois anos de idade.

A mãe de João, Maria Mercê, 55 anos, tem outros sete filhos. Quando viu a Kombi do Sesc em frente de sua casa ontem, Maria adivinhou que o caçula estava morto.

A morte foi quase uma cilada. João trabalhava entre as 10h e 17h



no SIA. Não deveria estar no veículo que foi atingido pelo bate-estaca. Nunca saía de casa naquela hora. Também nunca usava aquela linha de ônibus.

João tinha uma frustração: queria ser policial militar. Chegou a fazer uma cirurgia para corrigir a miopia, mas não conseguiu realizar o sonho. Mas ele tinha muitas alegrias. Uma delas era curtir a sobrinha e afilhada, Amanda, de 3 anos. Tinha carinho especial também pela irmã caçula, Rosângela, 16.

Carteira sentia orgulho do emprego

Vestida com o uniforme dos Correios, Maria Fely da Silva Pereira, 33 anos, estava indo para o trabalho, no centro de Taguatinga, quando um bate-estacas tirou-lhe a vida. Carteira, reclamava das dores nas costas que a sacola cheia de cartas causava-lhe todo dia, mas se sentia orgulhosa com o emprego conquistado na metade do ano passado em um concurso público.

Contratada em setembro de 1997, recebeu elogios dos chefes nos dois escritórios da empresa

onde trabalhou desde então. O uniforme amarelo e azul garantia-lhe entrada gratuita nos ônibus que a levavam para a jornada diária por um salário de aproximadamente R\$ 300.

Ela reconhecia que o dinheiro era pouco, mas o emprego tinha duas grandes serventias. A primeira era ajudar o marido na ampliação da casa de três quartos, no Setor P Norte de Ceilândia, que já estava pequena para o casal e suas três crianças. A outra vantagem era o plano de saúde, que de nada valeu para essa católica, que ia à missa todos os domingos e dizia que seu maior prazer era cuidar da casa e dos filhos.

O sonho do cabo era terminar a casa

Antônio Donizette Moreira, 42 anos, era cabo do 8º Batalhão de Polícia Militar de Ceilândia. Casado com Maria Aparecida, tinha dois filhos. Karina, 12, e Railson, 9. Era mineiro, mas morava desde os 16 anos no Distrito Federal. Seu sonho era terminar de construir a casa onde morava com a família, no conjunto 18 da QNQ 4, na Expansão do P Norte.

Considerado militar experiente, ele integrava o Grupo Tático Operacional da PM (GTOP). Em maio, Antônio Donizette completaria 20 anos de trabalho na Polícia Militar.

Há três meses havia sido pro-



Claudino de Oliveira.

Amigos e vizinhos do cabo contam que ele era dedicado à família. Sempre aproveitava os dias de folga para trabalhar na construção de sua casa, que iniciou há oito anos. A última folga foi ontem. Ele tomou o ônibus que acabou se acidentando para fazer uma consulta porque estava sentindo dor na perna direita.

movido cabo. "Era ótimo profissional e tinha excepcional disciplina militar", lembra o comandante do GTOP, aspirante Iranildo